



aniversário
1954 • 2004

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLV - 2006

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Alberto de Souza OLIVEIRA, *Panóias*. IPPAR, Vila Real, Setembro de 2005. 48 pp. ISBN: 972-8736-93-2.

Realizou-se, de 24 a 26 de Fevereiro de 1995, em Vila Real, promovido pela Direcção Regional do Norte do IPPAR, um Encontro Internacional sobre Panóias. Estava-se na altura em que se discutiam soluções para a musealização do sítio e houve, para o efeito, notáveis contributos nacionais e estrangeiros.

Já antes, no âmbito do Simpósio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafia Rupestre Prerromana e Romana de España, Portugal e Itália, realizado em Santiago de Compostela, de 29 de Junho a 4 de Julho de 1992, os epigrafistas a Panóias se deslocaram como que em romagem, por se tratar, na verdade, de um dos sítios arqueológicos mais emblemáticos do Norte do País.

Aliás, foi na sequência dessa estada em Panóias, que Géza Alföldy, da Universidade de Heidelberg, acabaria por tentar uma interpretação das epígrafes de forma lógica, em relação ao que se via gravado no terreno e nas penedias: os textos não seriam, em seu entender, mais do que as didascálias para o crente, pronto a iniciar-se nesses mistérios, observar, num progressivo ritual, a culminar, mui provavelmente, no encontro com a divindade, deitando-se num dos túmulos rasgados na rocha mais altaneira¹. Somos guiados, pois, como por mão de sacerdote, quais iniciados, desde o sacrifício cruento do animal imolado, segundo os preceitos rituais, rodeando penedos, parando aqui, genuflectindo acolá, até à subida íngreme, mas deliciosa, do êxtase com as divindades – a Suprema Serápis, os deuses infernais, os nunes protectores dos Lapíteas...

Felizmente, o sítio foi recuperado para sereno usufruto por parte do público e, embora as actas desse encontro de 1995 nunca tenham vindo a lume², certo é que outras publicações se fizeram e de uma delas ora nos vamos fazer eco. Antes, porém, seja-nos permitido evocar de novo o que este santuário desperta em quem o visita e que, por isso também, inspirou o traço original de Souza Oliveira.

Há sítios no mundo em que toda a envolvência natural te convidam a fazer silêncio, a meditar na efemeridade da vida e a dirigires-te, ainda que de uma forma espontânea, a uma entidade sobrenatural cujo sopro sentes por ali... Panóias é um deles.

No topo de uma colina, à saída da povoação de Vale de Nogueiras, um conjunto de solenes penedias com pequenos tanques, buracos para encaixe de postes das construções que primitivamente os cobriam e inscrições no dorso. Em latim e em grego. Informa uma das inscrições que pertenceu ao legado imperial romano Gaio C. Calpúrnio Rufo, senador (*clarissimus vir*), aí pelos primórdios do século III da nossa era, a iniciativa de mandar consagrar o sítio «aos deuses e às deusas e a todos os númenes em geral e também aos dos Lapíteas». Refere-se a existência

¹ «Die Mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal)», *Madriider Mitteilungen*, 38 1997 176-246.

² Alguns textos acabariam por ser publicados, como é o caso da intervenção de Alain Tranoy, «Panóias ou les rochers des dieux», *Conimbriga* 43 2004 85-98.

de um templo e de um tanque para imolação das vítimas. Aliás, diz-se, mais adiante: «As vítimas aqui se abatem, aqui se imolam; as vísceras queimam-se em frente, dentro de tanques, e o sangue derrama-se nas pias, ao pé»³.

Conhece-se o santuário desde longa data e sempre ele exerceu sobre as gentes em geral e sobre os historiadores e epigrafistas, em particular, uma sedução enorme: «um sítio poderoso, que transmite (...) esse carácter único, mágico, do domínio do imaterial», escreve Orlando Sousa, técnico do IPPAR, que tem ao longo dos últimos anos acompanhado todo o processo de reabilitação do monumento e que também coordenou a edição deste volume.

Alberto de Souza Oliveira, arquitecto, foi um dos contagiados pela magia do local. Dos 20 desenhos a preto e branco que constituem este seu álbum desprende-se, na verdade, o encantamento que a todos envolve ali. E, para além dos desenhos, ou exactamente por causa dos desenhos que uma pulsão interior lhe determinou, escreveu, em jeito de explicação (que, em si, cada desenho não tem legenda, nem a precisa de ter...):

«Na memória a evocação dos rituais, das imolações, dos sacrifícios, das libações, dos chamamentos, das procissões, dos uivos e dos gritos, das vísceras, do culto, do sangue, das lágrimas...

»Na precariedade das crenças, a expressão do lugar, do sagrado, da magia, da luz e das sombras, do nascer do sol e do cair da noite, do desconhecido, do silêncio, do escuro, do oculto...

»Voltaremos a amar os sítios e a cumprir o desejo, a Natureza, com a fragilidade e a grandeza do Homem, para lá do Marão...».

Louve-se a iniciativa – num período em que, paulatinamente, o Povo compreende, cada vez mais, que um sítio arqueológico vale pelo seu significado de memória, pelo contributo que a sua escavação trouxe para o conhecimento do Passado, mas também – e, talvez, sobretudo!... – pelo espírito que dele dimana...

Em Panóias, local consagrado desde há muitas gerações, para quem aprecie a comunhão com a Natureza ‘perder-se’ em silêncio por entre aqueles penhascos será, pois, seguramente, de uma emoção inolvidável. Como aconteceu a Souza Oliveira.

José d'Encarnação

³ «[...] *hostiae quae cadunt hic immolantur exta intra quadrata contra cremantur sanguis laciculis iuxta superfunditur*» (ILER 525).